

# Arquiteto vê excessos nos projetos pessoais

“Aqui em Brasília, pelo fato de até o momento nunca ter tido uma eleição para governador, os administradores sempre chegaram ao poder com projetos muito mais pessoais do que realmente úteis para a população. Esse foi o caso de José Aparecido que queria aparecer na área da cultura e começou a construir um monte de monumentos”. Com essas palavras, o presidente do Sindicato dos Arquitetos, Luiz Alberto Gouveia, justifica o fato de Brasília ser mais monumental do que talvez devesse ser.

Ele afirma que um monumento deve nascer de uma vontade explícita da população: “Mais ou menos como aconteceu em Volta Redonda, onde foi erguido um monumento para os trabalhadores”. Outro aspecto levantado pelo sindicalista faz referência à autoria dessas obras. “Não é justo que só alguns artistas tenham a oportunidade de criar. Deveriam ser abertos concursos públicos toda vez que se pensasse em inaugurar um novo monumento. O melhor

projeto seria escolhido, assim como aconteceu antes da inauguração de Brasília”, dispara.

Construir por simples vontade de uma só pessoa, na opinião de Gouveia, não é a melhor política para se erguer um monumento. “Tudo é uma questão de prioridade. Entre gastar dinheiro com o Museu do Índio e urbanizar Samambaia, o governante tem de saber o que é mais importante para a cidade e sua população”, comenta. Ele diz, no entanto, que isso não quer dizer que uma cidade não deva ter monumentos.

## DEMOCRATIZAR

“Tudo tem um limite”, alega. Gouveia reconhece que os monumentos existentes hoje na cidade já fazem parte de sua história e representam até mesmo selos turísticos. A única coisa que ele não admite é que o GDF se mobilize para construir um monumento, enquanto não tiver condições para pagar dignamente seus servidores ou apoiar, no mínimo, populações carentes.